

## **A HOMOSSEXUALIDADE EM MULTIMEIOS: PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO COM PROFESSORES E PROFESSORAS**

Fabiana Gonzales Assolari/UEM

### **Resumo**

A sexualidade é um tema nem sempre abordado corretamente nas escolas brasileiras. Isso se deve à falta de preparo dos professores e da escola para lidar com esse assunto tão delicado e recriminado. A questão em que se baseia este trabalho é exatamente esta, como preparar os professores para lidar com as manifestações sexuais dos alunos, principalmente quando essas manifestações são homossexuais? Partindo do pressuposto de que o tema em questão deve ser tratado de forma responsável e efetiva, bem como atrativa aos olhos das crianças e jovens, analisamos materiais em formatos de múltiplas linguagens, os quais entendemos que podem auxiliar o professor nesse desafio de gerar novos comportamentos que relativizem o estranhamento quanto às sexualidades não normatizadas. Os materiais analisados foram: O filme CRAZY: Loucos de amor e o vídeo Boneca na Mochila, tendo como base teórica alguns autores que abordam o tema: Débora Diniz; Tatiane Lionço, Didier Eribon, entre outros.

**Palavras chave:** Homossexualidade, multimeios.

### **Introdução**

A escola é responsável por transmitir de modo formal os conhecimentos científicos. Porém, seu papel na sociedade não se reduz a apenas isso. Ela também é responsável em transmitir valores, orientar os alunos quanto ao exercício da cidadania, além de difundir o respeito à diversidade de valores morais, culturais ou sexuais. A escola tem um papel fundamental na luta contra a intolerância, por isso é importante que ela propicie o entendimento de que o respeito a gays e lésbicas é responsabilidade de todos e essencial para uma sociedade realmente justa, não sendo ela apenas responsável por uma formação para o mercado de trabalho e sim para a vida.

Tendo em vista que vivemos em uma sociedade nem sempre tolerante e muitas vezes homofóbica, observamos que a homossexualidade é vista como anormal e não condizente com o padrão entendido como certo e único. Isso dificulta grandemente o

trabalho do professor que não consegue lidar com situações de homofobia em sala, ou então não se sente preparado para realizar trabalhos que promovam a diversidade sexual dentro da escola.

A sexualidade sempre foi muito reprimida, sendo muitas vezes associada à falta de vergonha, depravação ou a degradação do corpo. A ordem heterossexual assume um papel hierarquizante, não admitindo qualquer condição ou ato que não se enquadre nesta norma. Essa visão conservadora ainda é predominante na sociedade brasileira, sendo um dos principais geradores de preconceitos e homofobia nas escolas. Neste contexto, procurarei apresentar e discutir textos verbais e imagéticos que poderiam gerar reflexões por parte dos professores para que estes estejam mais preparados diante das manifestações homossexuais dentro da escola, e assim incentivá-los a serem agentes minimizadores de ações homofóbicas neste mesmo ambiente e na sociedade.

### **Conceitos e idéias a respeito da sexualidade e homossexualidade**

A diversidade sexual está presente em todo o meio social, inclusive na escola. O fato desta diversidade não ser reconhecida nem valorizada, agrava a questão do preconceito e da homofobia no âmbito escolar e social. Entende-se por homofobia, toda e qualquer forma de violência, repressão, discriminação ou repulsa aos homossexuais devido sua orientação sexual. A idéia de violência vem sempre atrelada à forma física, porém no caso da homofobia, ela se enquadra também na forma verbal. A injúria é o exemplo mais recorrente de homofobia em que os homossexuais são subordinados na escola. Xingar e ofender são formas explícitas de injúria, porém nem sempre ela aparece de forma objetiva, segundo Eribon (2008, p. 64)

(...) a injúria é apenas a forma derradeira de um *contium* lingüístico, que engloba tanto a fofoca, a alusão, a insinuação, as palavras maldosas ou ao boato quanto à brincadeira mais ou menos explícita, mais ou menos venenosa. Pode ser lida ou ouvida simplesmente na inflexão da voz, num olhar divertido ou odioso.

Esse mesmo autor coloca que as injúrias parecem ser inofensivas, alguns homossexuais até entram na brincadeira e xingam outros gays, fazem piadas, mas elas podem trazer sérias conseqüências psicológicas que refletem na forma como o gay se relaciona com o outro no meio social, na construção de sua identidade e subjetividade e em

sua própria forma de ser. Pois esta forma de violência implícita ou explícita separa os homossexuais dos heterossexuais, fazendo com que os primeiros pareçam ser anormais e aberrações diante da sociedade ou para eles mesmos, Essa separação ou divisão é considerada por muitos natural, essencial e unicamente “correto” aos seres humanos, ou seja: “Normal é ser hetero!” Esse discurso faz parte dos conceitos heteronormativos. Compreende-se como heteronormatividade a idéia de que somente a heterossexualidade é normal, qualquer manifestação homossexual é algo inaceitável, pois não é o correto ou comum em uma sociedade. Michael Warner criou o termo em 1991, *hetero vem* do grego e quer dizer “*diferente*”, e *norma vem* do latim e significa “*esquadro*”. Todos os cidadãos são “enquadrados” em um determinado padrão já estabelecido (norma), no qual se considera somente o relacionamento heterossexual como natural e aceitável entre os seres humanos.

### **Propostas Pedagógicas para Professores**

Os meios de comunicação muitas vezes camuflam formas de injúrias aos homossexuais. As imagens caricatas dos gays como afeminados, é a mais comum. Por isso, é necessário que se avalie de forma crítica os materiais com o qual se deseja trabalhar, nem sempre se pode tomar por base qualquer novela ou filme para trabalhar a diversidade na escola, pois estes materiais podem estar repletos de valores homofóbicos e hierarquizações.

Há materiais adequados para apresentar e discutir a homossexualidade na escola, tais como o filme CRAZY, e o vídeo Boneca na Mochila. Digo isso, pois ao contrário de trazer algum tipo de mensagem homofóbica, mostram histórias verossímeis, que tornariam a conversa com os professores mais interessante e com sentido.

Quando o tema homossexualidade é abordado, já vem atrelado a uma série de mitos, suposições e idéias erradas. Essas idéias surgem devido à falta de informação, ou então informações baseadas em certo senso comum, que se transmitem “boca a boca” sem qualquer comprometimento com a verdade.

É comum haver pessoas que acreditam que a homossexualidade é uma “opção” do indivíduo, e que a qualquer momento ele pode deixar de ser gay. Assim como também se transmite a idéia de que se um garoto brinca com uma boneca, já demonstra indícios de



homossexualidade desde a infância. Esses são apenas dois dos inúmeros mitos que giram em torno da homossexualidade.

Tendo por bases essas idéias e indagações, sugiro para uma primeira conversa com os professores o vídeo “*Boneca na Mochila (1995)*” A problemática da produção está voltada para a angústia de uma mãe que é chamada na escola por que seu filho foi pego com uma boneca. Toda narrativa ocorre dentro de um táxi, no caminho para a escola. Um programa de rádio aborda o tema da sexualidade na infância, e durante a corrida, a mãe ouve curiosa todas as informações passadas pelo programa, e a todo o tempo conversa com o motorista perguntando sua opinião e demonstrando suas dúvidas. Através de especialistas da área da psicologia, educação, psiquiatria, sociologia e orientação sexual, alguns aspectos importantes referentes a dúvidas e tabus que se impõe na questão de sexualidade são esclarecidos.

Esse vídeo se torna interessante para o trabalho com os professores na medida em que traz diversas informações que desmistificam certas idéias. Este é o primeiro passo para uma discussão significativa, pois acredito que é adquirindo conhecimento que o professor irá quebrar as primeiras barreiras do silêncio sobre a homossexualidade. O vídeo, por exemplo, coloca a questão do “troca-troca”(toques, carícias, beijos) entre crianças, dizendo que isto é perfeitamente normal, tendo em vista que a infância é o período onde a criança vai descobrir seu corpo e o do outro através do toque.

É muito difícil modificar valores e conceitos, ainda mais quando estes são homofóbicos. Porém, é necessário que isso ocorra, para que o trabalho com o professor produza significados. O primeiro passo, portanto, é a quebra de mitos e esclarecimento de dúvidas, e o vídeo “*Boneca na Mochila*” é um ótimo material para discussão com professores, assim como também é um material pedagógico rico para o trabalho do professor dentro da sala de aula. Porém é necessário que o educador estude e analise com cautela todas as informações contidas no vídeo, antes de levá-lo para a sala, a fim de que seu trabalho com os alunos ocorra de forma clara e objetiva, sem qualquer dúvida e possíveis falas geradoras de homofobia. Ao assistir esse vídeo o educador desenvolve certos argumentos a favor da homossexualidade e contra mitos e tabus, pois pode haver situações onde o público se contraponham às idéias, desafiando e argumentando a favor somente da heterossexualidade.

Alguns pontos específicos a respeito do vídeo são importantes para análise com os professores:

- A questão do erotismo por parte do adulto. É comum adultos observarem crianças brincando e desconfiar de alguma ação, garantindo que já é um indicio de homossexualidade. Uma criança de seis anos, como coloca a produção, não demonstra traço algum de homossexualidade. O sexo só se despertará no indivíduo a partir da adolescência. Portanto, algumas vezes olha-se a criança com uma visão de erotismo, o que não existe em crianças muito pequenas.
- A identidade sexual não é algo que possa ser influenciada, ou seja, um individuo não pode se tornar gay por influências alheias, assim como não pode deixar de ser gay com conversões ou tratamentos psicológicos. Sendo assim é importante salientar que familiares, pai, mãe, professores ou amigos gays não induzirão ninguém à homossexualidade. A falta de referência masculina dentro de casa também é colocada por muitos como o motivo pelo qual um jovem se torna gay. Isso é uma idéia totalmente equivocada, pois o referencial masculino aparece em diversos lugares: TV, família, vizinhos, amigos, professores. Esse medo é muito comum, isso explica o fato de que muitos pais e professores confundem o ato de promover, com o de induzir. Acreditam que ao passo que aceitam a homossexualidade podem se tornar gay ou induzir alguém a essa condição.
- Os padrões impostos pela sociedade, tentam enquadrar uma única forma de beleza, seriedade ou decência, estabelecendo vestimentas, estética do corpo, comprimento do cabelo, e o mais relevante, a sexualidade. A hierarquização dos homens perante mulheres e homossexuais, transpassa gerações. Isso também é gerador de preconceito e homofobia. O fato de um individuo não se enquadrar no padrão da sociedade é o suficiente para que ele seja reprimido, excluído ou até morto. O sofrimento dos pais ao saber da homossexualidade de um filho é evidente, pois é notório que ele sofrerá diversas discriminações, inclusive dos próprios pais. Então é importante levantar certas reflexões: O gênero masculino é superior? Qual o padrão de família que se propaga na mídia? Realmente é esse padrão que reina? Por que há tanta repressão por parte de heterossexuais quando ouvem falar de união homoafetiva, ou adoção de crianças por casais gays?

Cabe aos professores pensar a respeito de certas hierarquizações predominantes na sociedade, pois isso impede o respeito e a valorização da diversidade, pois do contrário não aceitaríamos um negro, em uma escola predominantemente branca; ou então um homossexual em um ambiente em que a maioria se diz heterossexual. A diversidade está presente em todos os âmbitos, portanto um *padrão imposto* será a primeira barreira que o professor enfrentará no seu trabalho de promoção da diversidade.

- A divisão de tarefas, gestos, brincadeiras, ambientes e estereótipos de gênero. Como coloca alguns psicólogos no vídeo “Boneca na Mochila” é na escola que as crianças têm a oportunidade de experimentar diversos papéis e formas de ser, por isso simples brincadeiras como o teatro podem auxiliar as crianças a se relacionarem melhor com as pessoas e expressar sentimentos. Sendo assim, um menino que brinca com uma boneca, ou uma menina que brinca com um carrinho, não necessariamente são homossexuais. As crianças apenas estão se vendo, cuidando do outro, experimentando e aprendendo com aquela brincadeira. Não é correto ter uma visão muito rígida a respeito da identidade sexual de uma criança, pois é importante que esta experimente diversas formas de ser, isso faz com que as crianças se tornem mais versáteis, criativas, desenvoltas, etc.

Dentre vários caminhos, estes são aspectos iniciais que podem ser interessantes aos professores, de forma a tirar diversas dúvidas a respeito da homossexualidade, assim como quebrar conceitos errados do senso comum diminuindo de certa maneira o preconceito por parte do público alvo.

O filme CRAZY, também é um importante instrumento de comunicação com os professores a respeito do tema em questão. O filme conta a história de Zachary Beaulien, o quarto filho de uma família de cinco irmãos. Descobre-se gay na infância, e cresce negando sua homossexualidade para não decepcionar o pai e a mãe, tentando sempre se enquadrar no padrão de filho “normal”. Zac e seu pai eram extremamente ligados e com uma relação afetuosa. Porém isso muda quando seu pai o encontra vestido com as roupas de sua mãe e com desejos que para ele eram “anormais”, “frescos”. A partir desse momento, os dois se afastam e inicia-se um grande conflito em torno da sexualidade de Zac. Seu pai o considera doente e o encaminha para um psiquiatra, que obviamente não

resolve o “problema” do pai. Ao longo de sua adolescência iniciam-se as injúrias por parte dos irmãos e dos colegas na escola. Com toda essa repressão, Zac reza para não ser homossexual, e faz diversas loucuras, acreditando que pode ser “curado” e se tornar “normal”. Em um determinado momento do filme, no casamento de um de seus irmãos, há um conflito, e Zac revela sua homossexualidade ao pai. Seu pai o recrimina e o manda embora. Ele então arruma suas malas e viaja para Jerusalém. Lá frequenta boates gays e tem relações homossexuais, encontra seu verdadeiro eu. O personagem sofre uma terrível angústia e rejeita sua própria condição.

Recebendo a notícia de que seu irmão mais velho, que é envolvido com drogas está no hospital, Zac volta para casa. Em uma noite, o pai diz para Zac que nunca aceitará a homossexualidade do filho, por mais que o amasse.

Porém com a morte de seu irmão, inicia-se a reaproximação de Zac e seu pai. Após o velório, pai e filho se abraçam emocionados. Seu pai aceita sua homossexualidade e somente após dez anos aceita ver o filho acompanhado, sem falar em diferenças.

Tomando por base o texto de Didier Eribon<sup>1</sup> podemos analisar e compreender diversos aspectos explícitos no filme.

Em um determinado momento do filme, Zac nota que um menino homossexual o observa. Ele, furioso com a ação do jovem, o agride fisicamente, demonstrando uma enorme aversão a ele. De acordo com Eribon (p.87) “o ódio que o homossexual tem de si mesmo se reflete em comportamentos de ódio e hostilidade para com o outro, se recusando a ver a si mesmo no outro”. Essa hostilidade também pode voltar-se a si, gerando graves problemas psicológicos, depressão e até o suicídio.

Devido à hierarquização de gênero e o preconceito, alguns homossexuais acreditam que são diferentes da “maioria” das pessoas, que são uma decepção aos amigos familiares e que por isso devem mudar seus desejos sexuais.

É o que é retratado no filme, Zac não aceita sua homossexualidade ao longo de sua infância e adolescência, e faz loucuras como passar no sinal vermelho e atravessar tempestades, acreditando que isso pode curá-lo e fazer com que ele volte a ser “normal”. Segundo Eribon (2008, p.88), “gerações de homossexuais foram, assim, obsedadas pela idéia de que deviam mudar para que pudessem ser felizes ou simplesmente para que pudessem viver”.

Uma discussão pertinente e necessária com os educadores diz respeito à generalização da imagem do homossexual masculino como afeminado, ou feminino como “machão”. Essa discussão se origina de uma das cenas do filme onde Zac, a pedido de seu pai consulta-se com um psiquiatra. Em uma conversa Zac afirma ao psiquiatra que não é “bichinha”, pois não usa maquiagem. Eribon (2008. p.90) coloca que,

A homossexualidade há tempos vem dando lugar a uma proliferação de imagens que desvalorizam, degradam principalmente na caricatura (mas também no cinema e na televisão, que, em geral só fazem fornecer, com novos meios, imagens bem próximas da tradição caricaturista).

Sendo assim, o filme CRAZY se torna uma importante ferramenta pedagógica de forma que proporciona diversas discussões a respeito dos estereótipos formados a respeito dos homossexuais. É importante também observar os aspectos afetivos e psicológicos que se manifestam no filme. Desde criança o protagonista é sujeito a repressão por parte dos irmãos e dos colegas na escola, isso causa grande sofrimento ao jovem que tenta a todo tempo mudar seus desejos. Por ser uma produção cinematográfica, o filme acaba com um “final feliz”, Zac é aceito por seus familiares e por si mesmo. Porém a realidade em que vivemos nem sempre tem esse final. Muitos jovens se suicidam, são mortos ou reprimem seus desejos por toda vida, devido suas angustias e medos de demonstrar seus desejos sexuais. Cabe então aos capacitadores questionar esse final, levantando a problemática de, como é a vida de um homossexual na sociedade onde vivemos? Como poderíamos mudar essa realidade partindo do âmbito escolar?

É nítido que em relação ao tema homossexualidade há um silenciamento tanto por parte dos educadores quanto por parte das políticas públicas da educação. Observamos a omissão desta última analisando os livros didáticos fornecidos às escolas brasileiras. Não precisamos pesquisar a fundo para encontrar indícios de “padronizações”.

O livro *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio* trás análises pertinentes à nossa discussão neste momento. Segundo ele, a capacitação dos professores é uma estratégia de grande valor tomada pelo Ministério da Educação para o enfrentamento da homofobia e do sexismo nas escolas. Mas essa iniciativa deve estar atrelada ao compromisso de oferecer e melhorar materiais didáticos que venham a ajudar este professor em sala. Por isso é importante analisar os conteúdos e discursos a respeito da sexualidade que vêm sendo estudados nestes materiais.

A nossa sociedade é heteronormativa. Nos livros didáticos essa heteronormatividade se manifesta nos padrões de representação de gênero e de organizações familiares, assim como no silenciamento a respeito da diversidade sexual. Não há gays nos conteúdos sobre famílias, não há relações homossexuais nos textos de orientação sexual e, desde cedo as crianças aprendem a dissociar os gêneros. Apesar de não haver homofobia explícita nos livros didáticos que circulam hoje no ensino fundamental e médio, ainda há discursos hegemônicos heteronormativos e de valores associados hierarquia de uma ordem sexual.

Com a ausência democrática da diversidade nos materiais pedagógicos, a responsabilidade dos professores e da direção aumenta, sendo eles os encarregados de trazer o tema de forma crítica à sala de aula. Para isso pode-se utilizar os materiais citados, sendo que o vídeo *Boneca na Mochila* e o filme *CRAZY* podem ser levados em consideração para as premissas do trabalho do professor nesta caminhada de conscientização dos jovens a respeito da diversidade sexual.

Considero, portanto que o trajeto rumo à valorização da diversidade sexual vêm atrelado à análise dos direitos humanos de todos os cidadãos, independente dos sexos e orientação sexual. É importante a conscientização a respeito dos medos, angústias e sofrimentos que giram em torno das pessoas que são reprimidas por conta de seus desejos.

Homossexuais não são anormais, muito menos aberrações, são seres humanos com desejos e sentimentos, merecendo respeito e direitos como todos em uma sociedade. Na busca por respeito aos homossexuais vejo na escola um lugar propício para o desenvolvimento de uma educação justa e igualitária perante os sexos e sexualidades.

### Referências

BIANCO, Reinaldo. **Boneca Na Mochila**. [vídeo]. São Paulo, ECOS – Comunicação em Sexualidade, 1995. DVD, 25 min. som.

BORILLO, Daniel; DINIZ, Débora; OCAHY, Fernando; RAMIRES, Lula; VIANNA, Cláudia. **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Débora Diniz; Tatiane Lionço (org.). Brasília: LetrasLivres, EdUnB, 2009.



**CRAZY: Loucos de amor.** Jean-Marc Vallée, Peierre Even. Canadá: Cirrus Productions & Crazy films, 2005. 1 DVD (97 min), son., color

ERIBON, Didier. Um mundo de injúrias. In: **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. p. 11 – 170.

WARNER, Michael. **Heteronormatividade.** Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Heteronormatividade#cite\\_note-0](http://pt.wikipedia.org/wiki/Heteronormatividade#cite_note-0)>. Acesso em: 18/03/2011.